

emanuel dimas de melo pimenta

33.33

requiem para william anastasi

para Dove Bradshaw

uma homenagem a Alberto del Genio

tantos agradecimentos a Juan Puentes

Eu caminhava de um lado para o outro com John Cage, em sua casa, em Manhattan, em 1987. Preparávamos um almoço para um casal de amigos e para Merce Cunningham, que naquele momento estava nos estúdios, em ensaios.

A Luciana estava num dos lados do apartamento. Penso que a Laura Kuhn também estava lá.

Eu ajudava o John na cozinha - embora na maioria das vezes ele não quisesse muita ajuda... Ele me pediu para irmos até à mesa de almoço, redonda, na sala, onde almoçaríamos, para verificarmos se estava tudo arrumado.

Fomos caminhando e conversando, como sempre. Caminhamos da cozinha, aberta, para a sala, sem paredes. De repente, tropecei em algo, e por muito pouco não levei um grande tombo! O John me segurou firmemente pelo braço. Ele tinha setenta e quatro anos de idade, eu tinha vinte e nove. Eu ia caminhando rapidamente ao seu lado, e se tivesse caído, teria sido um desastre!

Havia algo no piso, algo de que eu não tinha dado conta. Era uma peça de metal. Perguntei o que era aquilo. Sorrindo, John olhou para mim e disse: "Você acabou de tropeçar no Bill Anastasi".

Eu tinha tropeçado numa escultura de Anastasi, que era uma placa metálica sobre o piso. "Ele e a Dove Bradshaw virão almoçar hoje, será muito bom vocês se conhecerem. Dove e Bill são grandes artistas e muito queridos amigos. Você e o Bill ficarão amigos para sempre, tenho certeza", John continuou falando, sempre com um largo e doce sorriso.

William Anastasi tinha cinquenta e quatro anos de idade, precisamente vinte anos a menos que John, mas parecia não ter trinta. Dove tinha trinta e cinco, mas parecia uma menina com pouco mais de vinte anos de idade.

Bill e John gostavam muito de jogar xadrez. Ao longo de anos jogaram

todos os dias. Eu jogava xadrez com meu pai e com alguns amigos - mas nunca com eles. Depois da morte do John eu joguei naquele tabuleiro com a minha filha, Laura, mas nunca cheguei a jogar com o John.

Naquele primeiro encontro, Bill e eu conversamos longamente. Ele falava pouco, era inteligente, sagaz e inicialmente me pareceu ser uma pessoa muito desconfiada. Mas, a partir daquele momento, ficamos amigos para sempre - como John tinha previsto.

Perdi a conta de quantas vezes jantamos em casa da Dove e do Bill ao longo dos trinta e cinco anos seguintes. Normalmente, os jantares avançavam livremente sobre a madrugada e as conversas giravam quase sempre sobre filosofia, arte, literatura, ciência...

Em geral, a Dove era quem preparava o jantar. Ela se inspirava muitas vezes na cozinha do John Cage. Algumas vezes eu cozinhava. Apenas eu bebia vinho. Por isso, eu sempre levava vinho para os jantares. Algumas vezes, principalmente nos últimos tempos, a Dove também bebia vinho, mas muito pouco.

Eu sempre gostei de cozinhar para eles.

Tenho também uma alma italiana e, certa vez, fiz um spaghetti ao tomate, como se faz em Nápoles, e no sul da Itália, al dente. Emocionado, Bill disse que era a primeira vez, desde quando era criança, que comia uma pasta igual à que fazia a sua avó. E não parou de comer!

A cada encontro, conversávamos longamente sobre questões como a natureza da intenção, o livre-arbítrio, os limites do Universo, a consciência, a natureza do tempo, sistemas dissipativos e assim por diante.

Muitas vezes, quando eu chegava ou quando partia, ele ia para o piano que ficava na sala e tocava Chopin, que ele amava. Os vizinhos se deliciavam - certa vez conversei com um deles sobre isso. Muitas vezes, intencionalmente, Bill e Dove deixavam apenas encostada a porta da frente do apartamento.

Bill foi particularmente um genial artista visual.

Em 1961, ele fez Relief - um bloco de concreto sobre o qual, ainda fresco, ele urinou. No início dos anos 2000, ele reproduziu essa obra em Bolognano, Itália, e eu fiz uma obra fotográfica durante a sua execução.

Em uma das suas obras, de 1966, Blind, as salas eram pintadas como camuflagem de guerra e no meio, quase imperceptível, estava ele completamente nu.

Uma das suas obras de 2008 para uma exposição na Alemanha, tinha apenas uma palavra: "jude", judeu. Essa obra começou em 1987, ano em que nos conhecemos, com um quadro com a sua imagem e a palavra

"judeu". Em 2009, haveria outro quadro, intencionalmente chamado "sem título" mas também "Ich bin Jude".

Independentemente das questões simbólicas, Anastasi operava o processo. E era isso o que provocava o impacto mais profundo, por vezes revelando significados eludidos no título, e não o contrário.

Conversávamos muito sobre tudo isso, e muitas vezes sobre o fato daquilo a que chamamos de "civilização ocidental" ser uma emergência do universo judaico-cristão.

Bill tinha um verdadeiro horror, como todos nós, em relação aos horrores do Holocausto.

Como eu, ele lia regularmente o Talmud e se encantava com ele.

Ele era, de fato, um judeu - amava o conhecimento. A justiça e o respeito eram coisas essenciais na sua alma.

Havia uma forte ligação entre nós. Como se tivéssemos sempre partilhado um mesmo universo intelectual, desde os nossos nascimentos, apesar da grande diferença de idade. Ele interpretava essa identidade como uma espécie de projeção do universo do John Cage, a quem ele venerava.

Mas, havia uma grande diferença entre nós - sobre a qual conversávamos livremente, muitas vezes. Bill achava sinceramente que o ser humano era essencialmente egoísta, que todos viviam exclusivamente para os seus interesses pessoais, e que o altruísmo era uma ilusão, algo que de fato não existia, que não era humano.

Para ele, o humano era caracterizado pela guerra, pela exploração, pela humilhante submissão ao outro.

Ainda nos anos 1970, Bill tinha lido o livro *The Selfish Gene* do biólogo inglês Richard Dawkins. Eu também o li alguns anos mais tarde. Esse livro se tornou numa referência fundamental para o Bill. Assim, sendo todos geneticamente egoístas, deveríamos sempre desconfiar do próximo. Eu nunca concordei com Dawkins e sempre pensei precisamente o oposto, como conto em alguns dos meus trabalhos.

O Bill acreditava sinceramente que Hobbes tinha razão, que o ser humano era o lobo de outro ser humano. *Homo homini lupus*, repetia sempre. Por outro lado, ao longo de toda a minha vida, sempre acreditei que não pode haver criatividade sem generosidade, e o ser humano é essencialmente criativo.

Olhamos em torno de nós e vemos espíritos totalitários, incultos, um pouco por todo o lado. Mas, ao longo de milhares de anos, com interrupções aqui e ali, continuamos livres. Podemos imaginar e temer, não sem razão, a metamorfose do mundo num ambiente globalista totalitário - como prometem

as ditaduras e pensamentos tirânicos no século XXI. Isso pode vir a acontecer, mas nunca o ser humano foi curvado, em termos planetários, a um quadro de escravidão geral.

Se houve algo que sempre superou as nossas diferenças, esse algo foi a liberdade.

Em 2013, quando Bill Anastasi completou oitenta anos de idade eu apresentei um filme longa metragem que fiz sobre ele, com imagens filmadas desde o início dos anos 2000. Quando assistiu o filme pela primeira vez, em sua casa, no aparelho de vídeo na pequena sala ao lado da cozinha, Bill ficou emocionado. Mas, foi uma emoção igualmente para mim e para a Dove.

Foi uma celebração do amor.

Para além desse longa metragem, com cerca de uma hora e meia de duração, fiz alguns outros filmes sobre artistas ou pessoas ligadas à arte, como a Baronesa Lucrezia De Domizio Durini que trabalhara com Joseph Beuys, ou o artista-arquiteto português João de Almeida, que tinha sido um caro amigo de Jean Arp na Suíça.

Mas, como se se tratasse de algo inesperado, a velhice chegou implacável e o Bill partiu para outra dimensão. Tinham se passado trinta e seis anos desde que John nos tinha apresentado.

A sua morte não foi súbita. Primeiro ele ficou cego, foi perdendo a memória, a capacidade de navegação espacial. Durante esse processo de morte lenta, por vezes saíamos todos para jantar, quando eu ainda estava em Nova Iorque. Ficávamos muito preocupados com a Dove. Até que, um dia, soube através de uma amiga, que ele tinha morrido.

Nesse momento, decidi compor um réquiem para ele. Apesar de ter sido um espírito profundamente anticlerical, de nunca ter sido uma pessoa religiosa em termos institucionais, William Anastasi foi profundamente religioso na vida. Penso que ele jamais compreendeu o sentido de uma missa e era radicalmente avesso a qualquer manifestação mística. Mas, diante de James Joyce, de Pound, de Homero, Goethe, Dante, Lewis Carroll ou de John Cage, seu querido amigo, tornava-se uma criança maravilhada, alguém profundamente religado à Natureza.

Quando eu lhe oferecia gravações de George Bolet, de Samson François ou de Sviatoslav Richter entre outros, era como se tivesse recebido um tesouro inestimável. Seus pequenos olhos brilhavam e ele me abraçava emocionado.

Creio que em 1999 ou no ano 2000, Bill me apresentou ao seu afinador de piano - que se tornou no meu afinador ao longo de anos. Era um homem difícil, mas muito competente. Tinha sido o afinador do genial pianista Glenn Gould! E aqui emergiam furiosos pensamentos, porque Gould desprezava

Cage; mas quando apresentou a sua composição, parecia exatamente com aquilo que John Cage, muito mais velho, fazia - acusava Bill, que tinha um forte espírito de justiceiro.

Quantos momentos nos deliciamos, Bill e eu, lendo juntos fragmentos de textos de grandes mentes!

Aqueles momentos - maravilhados diante da mente humana, diante dos sonhos, através da poesia, da literatura, da filosofia - eram a verdadeira dimensão da Terra para William Anastasi: o pensamento como a concretude da vida e, nele, o movimento, que sempre é o fundamento da metamorfose, da transformação, da descoberta.

Esse era o signo principal de William Anastasi: a transformação, a mutação dos signos, o tempo!

Todas as suas obras operam essa dimensão.

Como não termos imediatamente em mente *Conjunciones y Disjunciones* de Octavio Paz, obra de 1969? Nela, o escritor mexicano nos diz: "El espíritu de todos los hombres, en todos los tiempos, es el teatro del diálogo entre el signo cuerpo y el signo no-cuerpo. Esse diálogo es los hombres".

Essa tensão entre corpo e não-corpo, como falo em meu livro *SOMA*, é o tempo, tão forte para Agostinho - e é o fundamento da obra de William Anastasi.

Não há tempo sem metamorfose, transformação e diferença.

Assim, mergulhando naqueles misteriosos labirintos da vida em permanente transformação, tornava-se claro que a minha própria existência - vinte e quatro anos mais novo - também era apenas e precisamente isso: o tempo! O mesmo tempo que emergira tecnológico pelos poros genéticos do meu pai.

Talvez tenha essa a razão pela qual nos tornamos tão profundamente amigos tão rapidamente.

Bill faleceu numa Segunda Feira, 27 de novembro de 2023. Soube dias depois. A temperatura na cidade de Nova Iorque, que tanto amou, era amena nesse dia - entre cerca de 6 e 11 graus centígrados. Chovera forte no início da madrugada. Às oito horas as nuvens desapareceram e o dia ficou ensolarado, embora fresco. A humidade era baixa. Estava cego e com sérios problemas cognitivos.

Mas, calmo e quieto.

Nasceu noventa anos antes, na cidade de Filadélfia, Pensilvânia. Sua primeira exposição solo foi em 1964, na célebre galeria de Betty Parsons,

aos trinta e um anos de idade.

Logo nos primeiros anos em que nos conhecemos, Bill dizia com orgulho - um orgulho brincalhão e sarcástico - que era neto de um perigoso mafioso siciliano. Ele contava isso rindo, como se fosse algo perdido num mundo mítico, numa outra dimensão.

Os livros sempre foram para nós dois uma magnífica e imperativa luz. Tantas vezes conversávamos sobre edições de autores, por vezes desconhecidos, outras vezes grandes clássicos.

Até que, um dia, encontrei por acaso um livro sobre aquele que teria sido o avô de Bill Anastasi. Um terrível assassino, um violento gângster. Comprei dois exemplares, um para a minha biblioteca e outro para a dele. Quando pegou o livro, ficou lívido. Aquilo que tinha sido sempre um sonho mítico perdido no tempo, uma brincadeira sarcástica e irônica, subitamente tomou forma de vida, história, realidade. E ele ficou pasmo. Paralisado.

Bill era uma pessoa absolutamente pacífica - ainda que, se fosse necessário lutar, então seria o primeiro - dizia. Contava a sua única experiência de luta corporal em toda a vida: quando era jovem, estava num carro com uma namorada e de repente foi interceptado por outro veículo, com quatro rapazes muito agressivos que o ameaçaram. Ele saiu do automóvel, fez uma posição de luta e chamou, um a um: "Venham! Quem será o primeiro?". E os sujeitos foram embora imediatamente. Bill diria num dos nossos deliciosos jantares: "Eu nunca tinha brigado na vida! Nem sei por que fiz aquilo. Mas, eu tinha de o fazer. Foi a luta mais rápida de sempre, venci sem os tocar! E aquela experiência me ensinou muito sobre a natureza do ser humano".

Tempos depois, ele diria: "Emanuel, vivemos num mundo muito perigoso. Basta termos em mente que desde Homero continuamos sendo as mesmas pessoas - releia a Ilíada, a Odisséia, está tudo ali! Continuamos precisamente sendo as mesmas pessoas! Há, entretanto, uma importante diferença: agora temos metralhadores, armas automáticas, mísseis, armas atômicas... mas, continuamos sendo os mesmos! Somos tão tolhidos quanto antes e, por outro lado, amplificamos imensamente a nossa capacidade de destruição!".

Algum tempo mais tarde, em 2001, durante as filmagens para o longa metragem sobre ele, pedi que repetisse esse pensamento.

E ele repetiu. E eu filmei.

Esse ser criativo, profundamente pacífico, teria sido descendente de um dos mais brutais e temidos gângsters de Nova Iorque!

Quando Bill abriu as páginas do livro sobre Albert Anastasia - cujo nome verdadeiro era Umberto Anastasio - sentou e ficou sem palavras. Ele

não sorriu e não agradeceu. Aquilo era um peso para ele. Um peso que só ele conhecia e que acreditava já ter se evaporado docemente nas sombras de um universo mítico, nas sombras de uma memória sem pessoas, todos já mortos.

Agora, o passado - que não lhe pertencia, mas que também era ele - estava definitivamente lá, à sua frente, naquele livro.

Não sei o destino que o Bill deu ao livro.

Em maio de 2024, o jornalista de investigação Andrew Milne publicou uma interessante matéria sobre o gangster: "The co-founder of Murder, Inc. and the head of the infamous Mangano family, Albert Anastasia was one of New York City's most feared gangsters — until his story came to an end in shocking fashion. The Greek word anastasis literally means "rising up." It's a fitting root for the name of Albert Anastasia, who went from a poor, fatherless boy in Italy to New York's most feared gangster — a man so bloodthirsty that he was called the 'Lord High Executioner'... (...) and his dramatic death in a New York barber shop".

Bill tinha me contado muitas vezes sobre essa morte na barbearia, um assassinato brutal - como aqueles que vemos nos filmes de Scorsese, por exemplo.

Vito Genovese, Carlo Gambino e Joe Gallo desfilaram como mandantes do crime, mas os assassinos jamais foram apanhados.

Seguramente, Anastasia tinha ido longe demais.

Como colocar lado a lado essa descendência e a declarada devoção de William Anastasi a John Cage - cuja vida foi inteiramente dedicada ao amor? Ou aos seus românticos sonhos de uma vida com Dove Bradshaw, ao som dos prelúdios, mazurkas ou dos noturnos de Chopin?!

O mundo de William Anastasi era o mundo da transformação, da metamorfose.

Quando soube, no dia 28 de novembro de 2023, através da Marcia Grostein - querida amiga, nossa vizinha em Nova Iorque e genial artista - sobre a morte do meu querido amigo, escrevi imediatamente à Dove. No dia 7 de dezembro, ela me escreveu uma carinhosa mensagem. "Every day there is so much to do and there are so many, many heartfelt remembrances from around the world..." - ela escrevia.

Era o signo primeiro de John - a mudança!

Essa tinha sido a vida de Bill Anastasi, que se repetia agora, como se a existência humana pudesse, de alguma forma, através da memória, jamais se submeter à interrupção da metamorfose.

Levei o Bill e a Dove a Portugal e à Itália. Eles ficaram amigos do Alberto de Genio, foram à Punta Campanella...

Não é comum haver um casal de grandes artistas. Mario e Marisa Merz foram queridos amigos meus, e eram uma exceção. As obras de Bill e de Dove são geniais.

Ao saber da morte do meu querido amigo, logo comecei a pensar como poderia compor um réquiem para ele.

O réquiem é uma missa dedicada aos mortos. Para muitos, a expressão "missa" indicaria o sentido de se "desapegar" das coisas materiais, de perceber uma ordem que as supera. Mas, a origem etimológica para a palavra missa, que me parece acertada, é a expressão hebraica matzâh, que indica a ideia de um pão achatado, sem fermento, como uma espécie de pita e que foi traduzido para o latim como "messa". Essa palavra gerou o termo "missão", o desapego das questões meramente materiais em benefício de um objetivo maior.

Esse terá sido o sentido primeiro de matzâh quando, até hoje, no Seder (Páscoa), são celebrados a fabulosa saída do Egito, o Êxodo, Israel e a existência humana. Uma missão!

Essa é a origem dos folares, principalmente os salgados, no norte de Portugal.

Bill era muito sensível à questão da missão.

Trata-se de algo que para ele sempre permaneceu misterioso.

Certa vez, no final de um dos nossos jantares, ele me perguntou por que eu compunha, por que eu fazia a minha música, meus livros, meus projetos de arquitetura, trabalhando de forma incansável e imperturbável noites e noites?... tantas vezes sem descansar, sem finais de semana e sem férias. Afinal, qual era o sentido disso tudo? Por que eu fazia isso? Respondi dizendo que para mim era algo misterioso, de difícil explicação, como uma espécie de missão - mas, num sentido que transcendia a minha própria existência. Então, contou-me que John Cage tinha exatamente a mesma ideia e que lhe confiara, certa vez, que a sua razão de viver, o sentido da sua vida, era uma missão. John também não sabia explicar com clareza o que isso significava. Para o Bill, essa ideia permaneceu sempre como algo misterioso, enigmático.

Aquilo o intrigava profundamente.

Missa - missão.

Bill Anastasi era uma pessoa profundamente anticlerical e, ao mesmo tempo, profundamente religiosa. Ele era sensivelmente contrário a todas as instituições - algo que o ligava profundamente ao John Cage e a mim. Nós

três sempre tivemos fortemente presente a ideia de anarquia, no sentido de permanente crítica às manifestações de concentração de poder. Nunca pertencemos a qualquer partido, a qualquer ideologia ou a qualquer religião em particular. Sempre acreditamos na importância da liberdade - algo que se tornaria raro num mundo feito de grupos em permanente conflito.

Agora, já estando ele já numa outra dimensão, eu tinha um desafio: compor um réquiem - uma missa - para William Anastasi.

Na noite da passagem de ano, de 2023 a 2024, portanto madrugada do dia 1 de janeiro, eu estava em casa de familiares, próximo a Saint Malo, na Bretanha, norte da França. Vinda do Mar do Norte, uma tempestade se avizinhava. Os ventos começaram a uivar depois da meia-noite. Por volta das três horas, ouvi as ondas de choque das gotas de água e os gritos do vento contra os vidros da janela do quarto onde estávamos dormindo. Aqueles sons eram a expressão por excelência da metamorfose, das transformações da Natureza!

Levantei, fui até a janela, coloquei sensores ligados a ela e gravei o fenômeno.

Aquele viria a ser a base do réquiem!

E assim foi.

Vinte e dois anos antes, em 2001, depois de um dos nossos deliciosos jantares, fiz um ensaio fotográfico em casa do Bill e da Dove. Já passava da meia-noite. O ensaio fotográfico foi realizado com o movimento de luzes e de três corpos - Dove, Luciana e Bill. Esse foi o material utilizado para criar o filme sobre o réquiem.

Tanto a música como o filme lidam com o movimento e a mudança.

O título do réquiem, música e filme, é 33.33 - porque no final da gravação, surpreendentemente, essa foi a sua duração, sem que eu o tivesse feito intencionalmente: 33 minutos e 33 segundos. E é uma óbvia referência à peça 4'33" de John Cage, que ele tanto amava - e ao acaso, às leis da metamorfose do mundo!

Uma referência misteriosa, oculta pela vida e pela oculta ordem da Natureza, que tanto inquietava William Anastasi.

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

Locarno 2024